

DAQUEM & DALEM MAR.

PORTUGAL &
A AMAZONIA.

ESTUDO DE POLÍTICA ECONÓMICA

MEJGA SIMÕES

2.^a edição.



*Na Tip. da Livraria "Palais Royal";
Manãos, 1917.*

JUSTIFICAÇÃO DAS TIRAGENS

1.^a edição, Dez. 1916; 1.200 exemplares
2.^a edição, Jan. 1917; 1.000 exemplares.

*Todos os exemplares desta edição são rubricados
pelo autor.*

Bibliotecário: Arnur Reis

Registro:

Data:

Luiz de Castro Alencar

PREFACIO

para a 2.^a edição.

Menos de um mês bastou para que a primeira edição deste livro ficasse inteiramente esgotada. Este facto desvanecedor prova a evidencia que o comércio de Manaos, onde se consumiram os seus mil e duzentos exemplares, abraçou as ideias nele expendidas, e reconheceu quanto contribuiria para a defeza dos interesses comuns da Amazónia e de Portugal a adopção das medidas aconselhadas por mim. A quase totalidade do comércio português, com o calor patriótico que sempre põe na defeza da sua terra, fez deste livro a maior propaganda, enviando exemplares para o interior do Estado e para as casas de Portugal que mais negocios mantem com o mercado amazonico. A imprensa de Manaos, por seu lado, acolheu-o com aplausos; de amigos e desconhecidos recebi as mais carinhosas palavras de incitamento.

Tudo isso me levou a pensar para logo numa segunda edição, despida da profusão de mapas com que documentei afirmativas do texto, e de citações cuidadosas com que abonava doutrinas por muitos tomadas como audaciosas,—uma ver-

dadeira edição popular, simples e clara, feita para andar nas mãos do leitor mais rude e simples, que a toda a hora lhe pudesse pedir conselhos e ensinamentos. Desde que as bases de defesa comum dos interesses portuguezes e amazonicos eram aceites sem discrepancia, a argumentação a longos mapas e invocação de outros autores e outros factos tornava-se inutil; a nova edição deveria ser feita para o povo.

O Exmo. Senhor Dr. Alcantara Bacelar, Governador do Estado do Amazonas, dignou-se vir ao encontro do meu projecto, chamando ao seu Governo a propriedade dessa edição, para uma larga distribuição pelo interior, por centros animados e seringaes distantes. Depois do acolhimento lisongeiro do publico, este livro encontra assim a sanção official ás suas ideias.

Manaos, 1917; Jan. 16.

VEIGA SIMÕES,

Consul de Portugal em Manãos.



LIVRO PRIMEIRO.

GEOGRAFIA COMERCIAL

DO

AMAZONAS

CAPITULO PRIMEIRO

A TERRA E O RIO.

Terra moça chamei atraz á Amazónia; moça e nubil, trazendo ainda na rigidez dos seios—pequenas colinas que aqui e além foram desabrochando numa viçosa puberdade deste corpo opulento, pleno de palpitante juventude, de Venus Amazónica—o mistério das carnes invioladas.

Seguindo os passos de certo naturalista imaginativo que andou tocando as coisas da geologia e das eras mortas com uma remigie opulenta e evocatriz, se sabe agora que, nos vagos tempos terciários, quando o velho macisso de Goiaz, escoltado pelo macisso de Minas e pelo planalto paulista, era o fulcro em torno do qual ia crescendo a futura terra brasileira, todo o setentrião da Sul-América era um rumoroso oceano ligando o Atlantico ao Pacifico, por onde começavam a aflorar, em pequenos e distantes arquipélagos, as dobras da Guiana e as terras altas do norte do Brasil. Então, o Amazonas, á proporção que os arquipélagos se fundiam, deixando correr ao redor das terras agora firmes pequenos, lentos canais, era o Grande Canal, ligando o Mar Pacifico ao Mar Atlantico.

Mas certo dia, as águas dos dois oceanos apartaram-se, num marulhar saudoso, e trocaram aquele beijo derradeiro que só milhares de anos depois se tornariam a dar ao quebrar-se o ultimo élo do Istmo do Panamá: as pesadas massas graníticas iam-se já elevando, os Andes sublevaram-se dentre as entranhas da terra nova, e cresciam num aprumo senhorial de dominio. A boca do canal cerrou-se das bandas do Pacifico; e a um derradeiro espreguiçar do gigante andino, a estupenda rede fluvial amazónica entrou a aconchegar-se na terra, correndo leitos de antigos canais, sulcando agora as novas varzeas quaternárias, até desembocar no Grande Rio. Do vinculo nupcial dos rios lentos com a terra bárbara nasceu a Amazónia opulenta e fértil.

A Amazónia é a floresta.

Desde a bocarra de Marajó aos vales profundos e ferteis da Bolivia, dos plainos de Mato-Grosso aos *llanos* da Venezuela, dos campos sem horizonte do Rio Branco aos primeiros relevos pronunciados do dorso esquivo dos Andes, a floresta domina como um pesadélo.

E' ela que cerra a vista e os passos do homem, que detem o trabalho do mais audaz, envolvendo-o nas suas mãos de ferro, fazendo-o retroceder de desalento. Num vale quase sem confins, que poderia ser o celeiro do mundo, realizando a profecia de Humboldt, as raizes da mataria selvagem algemáram a terra. Para que o homem lute com elas e a liberte, preciso é consumir energias longas, desbastando rancas e caules que se entrelaçam numa tecitura épica; e quando julga quasi havê-la sujeitado, apenas rasgou um corredor

estreito, por onde mal o seu corpo passa, sob a ameaça perene dos felinos e reptis, que lhe podem destruir a vida, e dos caprichos vegetais que lhe podem barrar de novo o caminho. E para isto, quanta energia morta, quanta soma consumida. . .

Aqui o homem não domina ainda a terra; é dominado por ela—ou antes pela floresta, que a conquistou ha séculos sem fim, e nela assentou os seus dominios, que só a fôrça potente dum capital de sonho podera reduzir. O próprio Rio, que a invade por toda a parte, ou na sua infinita massa de águas, ou no rolar encachoeirado dos afluentes, ou em simples igarapés que a penetram para mais ferace tornar ainda a terra escravizada, protege a floresta como a couraça de Wotan protege Brunhilde. Sempre que o homem, nas grandes baixadas, roga á terra que dadivosamente lhe restitua com mão franca os legumes que semeou nas margens, uma próxima enchente protege de novo a floresta inviolavel, cobrindo praias e arrastando as terras frescas e humosas, levando consigo as ultimas plantações, a apontar ao homem, como um dogma, a inviolabilidade da deusa bárbara.

Porque um milhão de homens a habitam, e a cruzam das margens dos rios a caminho do interior, acreditam muitos ter descoberto afinal os reconditos segredos da Esfinge. Um milhão de almas, dispersas, tresmalhadas, vivendo cada uma sobre uma rede que pende de quatro paus a pique, tendo por tecto o arvoredos: e a floresta é ainda um deserto. No combate isolado que lhe dão esses homens, sem apêgo á vida, quasi embrutecidos na convivencia com os troncos e os animais, eles mal conseguem roubar-lhe a medo, pela calada da noite, ou nas grandes madrugadas silenciosas, o

leite que corre duma das suas arvores mais frájeis e esguias, e de mais flebil tronco. E ainda hoje, quando por toda parte o homem, cansado de dominar a terra, abre potentes asas de ferro, domina os céus, e se dispõe a ir mofar de Deus no seu velho esconderijo, a floresta antiga é uma ironia lançada á face do homem, imutavel, quase sem hiatos na sua bárbara tecitura de malha vegetal, como se toda a vida ali vivesse submersa sob a sua infinita cõma verde, ao império ilimitado das miriades de patas verdes das rancas e troncos sobranceiros á terra ubere. E' um dominio todo á parte o desta Criação de que os rapsodos biblicos nos não falam; um mundo coado de luz, numa constante luta com ela, que embalde procura trespassar as manchas inertes da rançaria, realizando a paráfrase da velha luta genésica entre o Espirito do Mal e o Espirito do Bem. Aqui a Natureza buscou outra moral: é o espirito da treva, duma nova treva tecida de tons de folhagem: do verde calmo ao rubro estasiante, ao castanho moribundo, quem domina a floresta em senhor absoluto. Ela é verdadeiramente o *Inferno Verde*, como um belo, irregular artista de singulares e desvairadas páginas lhe chamou; e em cada noite (nessas noites tão rumorosas e de tão bárbaras partituras ritmicas, quanto os meios dias são silenciosamente opressos e ofegantes) se reúnem, com clarões fugindo por entre as rancas e pupilas baças de charcos espreitando receiosas, os invisiveis sabats dessa noite de Walpurgis que deve já andar em suspensão na inteliçencia extática das mais subidas espécies dos animais que a habitam.

Dentro desta floresta nunca um veio de imaginação brotou, nunca a asa duma lenda ergueu vô roçando os mareantes morenos que a ollam



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



**Secretaria de
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**